

# Uma identidade perfeita de pontos de vista entre Angola e o Brasil

Os Presidentes de Angola e do Brasil, José Eduardo dos Santos e José Sarney, deram no final da visita do Chefe de Estado brasileiro ao nosso país, uma conferência de imprensa, na qual falaram sobre o significado da visita daquele estadista a Luanda, os seus resultados e o rumo que poderá vir a ter doravante a cooperação entre os dois países nos mais variados domínios. Ficou patente nas respostas dos dois Chefes de Estado a amizade fraterna que une os povos angolano e brasileiro e a vontade de reforçar os laços de cooperação já existentes.

**Reproduzimos a seguir essa conferência de imprensa:**  
Cada país tem a sua peculiaridade, que cada país segue soberanamente o caminho que pode seguir, o Brasil não tem um modelo internacional de desenvolvimento para a exportação como nenhum país tem, o que nós desejamos, e essa visita bem demonstra, é a necessidade de uma cooperação cada vez mais estreita entre países em desenvolvimento como é o caso do Brasil e Angola, que têm economias complementares e que podem através da cooperação ajudar bastante os seus respectivos povos.

**PERGUNTA:** Senhor Presidente Sarney, está praticamente terminada a sua visita a Angola e nós gostaríamos de perguntar até que ponto esta poderá influenciar certos meios políticos brasileiros a compreenderem melhor o verdadeiro sentido da nossa luta em Angola?

**PRESIDENTE JOSÉ SARNEY:** Eu desde que aqui cheguei tenho ressaltado o sentido simbólico desta visita, que é o de consolidar cada vez mais as nossas relações e ao mesmo tempo reiterar a solidariedade do povo brasileiro para com o povo de Angola pela sua luta heróica pela libertação, para assegurar a sua soberania e o seu direito de escolher livremente o caminho que deseja seguir. O Brasil é um país que tem muitas divisões internas, que tem muitas correntes de pensamento que divergem sobre numerosos assuntos. Mas há um assunto sobre o qual não temos divergências no Brasil: é quanto à prioridade que o nosso país deve dar às relações com a África e, em particular, prioritariamente, às nossas relações com Angola. Não é, portanto, uma política do Governo Sarney, não tem sido uma política dos Governos anteriores, mas tem sido uma vontade unânime do povo brasileiro. Todas as correntes políticas do Brasil apoiam essa política de solidariedade à África e essa política de solidariedade a Angola, política que nós vamos manter cada vez mais, dando passos mais largos e estreitando cada vez mais o nosso relacionamento.

**PERGUNTA:** Presidente Sarney, no caso da África do Sul opôr resistência ao cumprimento dos acordos de paz na Namíbia, há possibilidades de o Brasil romper relações diplomáticas e económicas com aquele país?

**PRESIDENTE JOSÉ SARNEY:** Eu fui muito enfático no discurso que pronunciei no jantar que gentilmente me foi oferecido pelo Presidente José Eduardo dos Santos e o nosso comunicado também é muito explícito sobre a nossa posição a respeito do cumprimento da resolução 435 das Nações Unidas. Nós achamos que ela deve ser cumprida até ao fim em todas as suas consequências e vamos defender essa posição em todos os fóruns internacionais. E como é a tradição do Brasil e como consta da nota que foi lida e que é um consenso entre os Presidentes e os nossos governos, nós buscaremos para o cumprimento dessa resolução o diálogo e sobretudo a pressão que devem fazer todos os países para que essa resolução seja cumprida mais rapidamente possível.

**PERGUNTA:** Senhor Presidente Sarney, quando começará a funcionar a comissão de emergência que foi criada no decurso das conversações? Qual a responsabilidade do Brasil dentro dessa comissão. Em que domínios concretos essa comissão irá trabalhar. Gostaria que o senhor Presidente Sarney nos caracterizasse o estado actual da economia brasileira. Gostaria ainda que o senhor Presidente nos dissesse que medidas vê para contrapor ao proteccionismo que ainda se faz sentir nas relações económicas internacionais.

**PRESIDENTE JOSÉ SARNEY:** Quando vai começar a funcionar a Comissão de Emergência. Eu quero dizer que ela já começou a funcionar quando nós identificámos, conjuntamente com o Presidente José Eduardo dos Santos, a necessidade de uma participação mais imediata do Brasil neste período importante da história de Angola. Uma vez que se o Brasil esteve presente em Angola durante o período da guerra sempre com a sua solidariedade e a sua cooperação, agora ele deve estar presente, que estar presente como esteve sempre pioneiramente como aconteceu na independência, em que nós fomos o primeiro país a reconhecer a independência de Angola, nós também queremos ser o primeiro país a dizer que estamos prontos a cooperar em Angola em paz em busca do seu progresso. E a Comissão de Emergência visa justamente desobstruir canais que seja necessário desobstruir. Dentro da Comissão Mista que funciona regularmente, essa comissão não terá data para funcionar, senão que deve funcionar imediatamente, a qualquer momento, de uma forma quanto possível formal e informal para tratar dos problemas que forem mais urgentes e onde o Brasil poderá, de acordo com os desejos do Governo de Angola, colaborar. O domínio da cooperação, naturalmente, será delimitado pelos interesses e pelas solicitações que forem feitas soberanamente pelo Governo de Angola.

Sobre a economia brasileira, o que devo dizer é que nós estamos a atravessar um período de grandes dificuldades no Bra-

O Brasil atingiu já um nível de desenvolvimento científico e tecnológico apreciável e Angola está interessada em aproveitar todas as possibilidades que o Governo brasileiro nos possa oferecer



sil, porque estamos num período de transição de um regime autoritário para um regime democrático, estamos com uma crise económica e também com graves problemas sociais.

Neste instante o principal problema do Brasil é realmente o problema inflacionário. O Brasil tem alguns paradoxos que devemos esclarecer. Por exemplo, nós no meio dessa grande crise conseguimos no ano de 1988 passar da oitava economia industrial do mundo para sermos a sétima economia industrial do mundo; nós somos o terceiro país do mundo que tem saldos exportadores — este ano nós chegámos a um saldo de 19 bilhões de dólares, só temos à nossa frente o Japão e a Alemanha Ocidental; há dois anos consecutivos temos as maiores safras agrícolas da história do Brasil — saímos dum patamar de 50 milhões de grãos para 70 milhões grãos; e conseguimos nestes quatro anos um crescimento acumulado na ordem dos 20 por cento. Com essas características paradoxais no Brasil, se no ano de 1986 crescemos 8,7, no ano de 1987 crescemos 8,2, e no ano passado nós tivemos um crescimento que para um país da dimensão do Brasil não é satisfatório, foi de 1 por cento. São os paradoxos do Brasil. Mas neste momento centramos todo o nosso esforço no combate à inflação. Estamos com medidas duras de combate à inflação que foram editadas no dia 15 deste mês e que foram aprovadas pelo Congresso brasileiro. Nós esperamos com essas medidas que a inflação atinja níveis muito baixos e que o Brasil possa, sem o flagelo inflacionário, consolidar a sua democracia e ao mesmo tempo voltar a um crescimento sustentado que tem tido e devemos criar condições para que ele continue com esse crescimento.

Nós realmente somos um país que tem defendido nos fóruns internacionais a necessidade da abertura das barreiras que tolhem a presença dos países em desenvolvimento no comércio mundial e cada vez mais elas estão mais presentes. Nós temos lutado em todos os fóruns para que essas barreiras proteccionistas venham a cair. O mundo desenvolvido sempre que reclama que nos honremos os nossos compromissos, esse mundo desenvolvido oferece barreiras a que esses países em desenvolvimento, os países do Terceiro Mundo, tenham maior participação no comércio mundial, não só através de barreiras proteccionistas como também dos preços baixos dos produtos primários.

**PERGUNTA:** Eu gostaria de colocar aos dois Presidentes duas questões. A primeira, se essa cooperação que se inicia a partir desta visita se pode interpretar como uma busca na cooperação Sul-Sul de soluções que não tem dado até agora o diálogo Norte-Sul? E a segunda, que os dois Presidentes nos

explicassem os pontos de acordo no que respeita ao problema da dívida externa.

**PRESIDENTE JOSÉ SARNEY:** Sobre a cooperação Sul-Sul nós também temos o ponto de vista de que ela deve cada vez mais ser implementada. E o Brasil tem procurado nestes últimos anos abrir-se nesse sentido. Basta ver não somente o aumento da nossa participação não somente no sentido do comércio Sul-Sul, como a política de integração com a América Latina que estamos a fazer, como a política de abertura cada vez maior com a África, como também a nossa aproximação com os países do Leste. Basta dizer, no que se refere à África, que nós hoje temos uma participação, talvez a maior, no que se refere a créditos brasileiros para o exterior, de 3 a 3,5 bilhões de dólares como linhas de crédito abertas para o continente africano. O Brasil tem sido o país que tem ajudado as nações africanas que recentemente alcançaram a sua independência. E o Brasil não tem nenhuma condicionalidade política, o Brasil não tem nenhuma vocação hegemónica, o que o Brasil tem são responsabilidades com este continente de natureza da sua história, da sua cultura, uma vez que nós nos consideramos também uma parte do povo africano. O Brasil é hoje o segundo país de raça negra do mundo e queremos assumir cada vez mais essa responsabilidade.

Quando tive a oportunidade de falar nas Nações Unidas em 1985 ressalté esse ponto de sermos o segundo país de raça negra do mundo e queremos assumir sabendo que há no sangue brasileiro, na nossa formação não seríamos o Brasil que somos se nós não tivéssemos essa grande presença do sangue africano. E se falarmos em sangue africano, nós devemos ressaltar o sangue angolano no sangue brasileiro. Por isso, fez muito bem o Presidente quando definiu a nossa posição de países irmãos, de países estreitamente fraternos.

Quanto ao problema da dívida externa nós temos também uma posição muito clara e que tem sido firmemente defendida pelo Brasil. Nós levantamos a tese de que a dívida não era um problema de mercado, não era somente um problema financeiro. A dívida tinha uma patamar político. E essa tese que no princípio era uma tese pálida defendida pelo Brasil, hoje é reconhecida pelos países desenvolvidos. Nós pensamos que o problema da dívida é da responsabilidade dos países credores e dos países devedores, que nós temos que diminuir o stock da dívida e que também temos de chamar à responsabilidade no problema da dívida aos países mais desenvolvidos, uma vez que nós consideramos a dívida hoje como um problema de carácter mundial. Quanto se procura extinguir conflitos regio-

nais, devemos ter presente que a dívida é um conflito desestabilizador da paz internacional e, sobretudo, é um conflito desestabilizador de uma ordem económica mais justa e mais humana para toda a nossa Terra.

**CAMARADA PRESIDENTE JOSÉ EDUARDO DOS SANTOS:** Eu só queria acrescentar ao que disse o Presidente Sarney que nós, de facto, nas discussões que mantivemos, trocámos pontos de vista sobre a cooperação Sul-Sul e sobre a dívida externa e concluímos que há uma identidade perfeita de pontos de vista entre Angola e o Brasil.

**PERGUNTA:** Senhor Presidente Dos Santos se me permite sair do âmbito bilateral, queria perguntar se existem contactos com a "Unita" e quais os objectivos desses contactos?

**CAMARADA PRESIDENTE JOSÉ EDUARDO DOS SANTOS:** Não há contactos com a "Unita" como formação política. Há, sim, indivíduos armados ou civis que estão interessados em beneficiar da Política de Clemência e Harmonização Nacional decidida pelo Governo angolano e, naturalmente, esses elementos procuram as autoridades angolanas e mantêm contactos por forma a regularizarem a sua situação de cidadãos nacionais.

**PERGUNTA:** Gostaria de perguntar aos dois Presidentes quais as prioridades que foram eleitas no campo da cultura para aumentar as relações entre Angola e o Brasil? Isso envolve um aumento do número de bolsas de estudos para estudantes angolanos no Brasil ou a presença de técnicos brasileiros em Angola?

**PRESIDENTE JOSÉ SARNEY:** Um dos pontos fundamentais, quase permanentes, das conversas que tive com o Presidente José Eduardo dos Santos foi justamente sobre a disposição do nosso país em colaborar na formação de recursos humanos para operar o desenvolvimento de Angola. Achamos que o Brasil pode nesse sector oferecer uma grande cooperação. No sector da cultura, o senhor Ministro da Cultura vai permanecer aqui na África no sentido de uma articulação com os países de língua portuguesa para nós vermos como poderemos desenvolver cada vez mais uma acção de estreitamento do conhecimento cultural entre os nossos povos. Acreditamos que através da cultura os povos se conhecem mais, embora o Brasil e os países africanos, o Brasil e Angola, se conheçam tão bem pela história comum, como eu já tive oportunidade de dizer. Nós criamos recentemente no Brasil a Agência Brasileira de Cooperação. Essa agência destina-se justamente a oferecer, a países que assim o desejarem, maneiras de ajudarmos na concessão de bolsas de estudo, na concessão de centros de treinamento, de envio de técnicos, para que eles possam desenvolver recursos humanos capazes de operar o seu desenvolvimento e os seus serviços.

Como é a última pergunta que me é feita, não queria deixar que esta entrevista se esgotasse sem que eu agradecesse aos meios de comunicação de Angola e do Brasil, principalmente a todos os profissionais que participaram desta visita, a grande colaboração que eles ofereceram aos nossos dois países para que os nossos povos pudessem acompanhar o que aqui realizamos no sentido da aproximação e da amizade entre os nossos países. Eu vim a Angola para trazer a amizade, para trazer a homenagem, para trazer a estima, para trazer o coração dos brasileiros sempre aberto para o povo angolano. De-sejo agradecer ao Governo de Angola, através do seu Presidente, esse grande estadista que está a conduzir o país neste momento difícil e que vai conduzi-lo neste instante da paz, quero agradecer a todos os dirigentes do Partido, aos membros do Governo e a população de Luanda pela maneira carinhosa, afectuosa e generosa com que recebeu o Presidente do Brasil. Sei perfeitamente que não era o Presidente do Brasil, era ao Brasil, e essa homenagem ao Brasil eu levarei e transmitirei ao povo brasileiro.

**CAMARADA PRESIDENTE JOSÉ EDUARDO DOS SANTOS:** Eu quero apenas sublinhar que há um intercâmbio grande no domínio cultural entre os povos de Angola e do Brasil. Nós temos recebido aqui caravanas culturais brasileiras, assim como o Brasil tem recebido caravanas angolanas de músicos; tem havido encontros, reuniões de escritores; enfim, no domínio da arte, vários artistas angolanos e brasileiros têm trocado experiências. O que nós fizemos nesta visita foi tentar preconizar um instrumento que permita ampliar ainda mais esse intercâmbio cultural, institucionalizar algo que possa de facto cimentar a amizade através do incremento da cooperação no domínio da cultura. E sublinhamos também a importância da formação de quadros para o povo angolano. O Brasil atingiu um nível de desenvolvimento técnico e científico bastante apreciável, Angola tem problemas com quadros nacionais, tem poucos quadros, há aqui, aliás, um índice de analfabetismo que ainda é bastante grande, e nós estamos dispostos a aproveitar todas as oportunidades que o Governo brasileiro pode oferecer a Angola para o treinamento do seu pessoal nos mais variados níveis, desde os níveis de base, operários qualificados até aos técnicos médios e superiores, nos mais variados ramos da ciência e da tecnologia.

O Senhor Presidente Sarney ofereceu-nos essas possibilidades, fez uma grande abertura e Angola estará evidentemente interessada em aproveitar integralmente as possibilidades que o Brasil pode oferecer.

Já agora gostaríamos de aproveitar esta oportunidade para agradecer as palavras amáveis do Senhor Presidente Sarney endereçadas ao povo angolano e pedir-lhe que transmita a todo o povo do Brasil, em nome do povo angolano, o grande abraço de amizade, essa amizade que nos liga desde há séculos e que foi forjada no sofrimento, no suor e também no trabalho.



Durante as conversações, notou-se uma perfeita identidade de pontos de vista entre os dois países com respeito aos mais variados assuntos de índole bilateral e internacional